

A QUESTÃO DA TERRA NO VALE DO PARAÍBA: HISTÓRIA DE UM ASSENTAMENTO DO MST¹

THE ISSUE OF LAND IN THE VALLEY OF PARAIBA: HISTORY OF A SETTLEMENT MST

Adir de Almeida Mota²

RESUMO: Este artigo propõe analisar a luta pela outrora fazenda Santa Rita, atualmente Assentamento Nova Esperança I, em São José dos Campos, cidade do Vale do Paraíba. A ofensiva do MST na região, talvez, foi em boa parte, impulsionada pelos trotskistas da *Corrente O Trabalho*, gerando a contra-ofensiva do grileiro Valdir Pena. Por sua vez, a ação deste último oscilou desde a tentativa de desapropriação da terra até, possivelmente, o assassinato dos jovens Roberto e Jurandir. A apuração das mortes teve ao mesmo tempo conotação jurídica e política, através da formação de um Comitê de Campanha Internacional, estruturada na aliança operário-camponesa.

PALAVRAS-CHAVE: 1) História dos Movimentos Sociais; 2) MST; 3) Trotskismo; 4) movimento operário-camponês.

Introdução

De modo geral, o uso da terra no Brasil se desenvolveu historicamente estruturado no modelo de latifúndio, beneficiando empresários de países imperialistas, ao passo que se tratava de uma mercadoria, rompendo com seu usufruto social, suas características de origem. Contudo, mesmo os países capitalistas que no século XX já realizaram reforma agrária, se mostram, no âmbito do desenvolvimento desigual e combinado, estruturados num capitalismo muito mais avançado do que o Brasil, são os casos da Itália, 1919-1920; Egito 1952; Síria e Iraque, 1952; Japão, em dois momentos, 1946 e 1961. Cada um destes exemplos

ABSTRACT: This article analyzes the struggle for land formerly of Santa Rita, New Hopel Lay currently in Sao Jose dos Campos, a city in Paraíba Valley. The offensive of the MST in the region, perhaps, was largely driven by the Trotskyists of *Current Work*, generating a counter-offensive of logger Valdir Pena. In turn, the action of the latter ranged from the attempted expropriation of the land until possibly the murder of young Robert and Jurandir. The investigation of death shave also experienced legal connotation and politics through the formation of an International Campaign Committee, structured on worker-peasant alliance.

KEYWORDS: 1) History of Social Movements; 2) MST; 3) Trotskyism; 4) worker-peasant movement.

possui peculiaridades históricas que não veem ao caso aqui desenvolver. Entretanto, é necessário ressaltar que no caso do Japão, a reforma agrária progressista foi importante para solucionar os principais problemas econômicos e sociais do país no pós Segunda Guerra Mundial³.

Também são inúmeros os países que alcançaram ou tentaram alcançar tal intento através da instauração do socialismo como poder político e modo de produção. Alemanha, em 1918; China, em 1949. Nesta mesma perspectiva estão os países da América Latina: Bolívia, em 1953⁴; e Cuba, 1959 e 1963⁵. Estas e outras experiências, cada qual calcada em seu próprio processo histórico, viram a reforma agrária progressista como parte integrante

¹Este artigo é resultado de pesquisa realizada para conclusão do curso de Especialização em História: política, cultura e sociedades da Universidade Guarulhos (UnG). Agradeço ao Professor Dr. Everaldo de Oliveira Andrade pela orientação e ao professor Alexandre Linares, por facilitar meu acesso a documentações primárias. Ao apoio das professoras Silva Roberta de Campos Mota e Cristiane dos Santos Chibante.

²Especialista em História pela Universidade Guarulhos. Experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. E-mail: adir.mota@yahoo.com.br

³VEIGA, José Eli. **O que é reforma agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁴ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **A revolução boliviana**. São Paulo: UNESP, 2007.

⁵MÃO JR. José Rodrigues. **A Revolução Cubana e a Questão Nacional**. São Paulo: Núcleo de Estudos d' O Capital, 2007.

de uma nova ordem em construção, tendo na revolução russa de 1917 o seu principal expoente⁶.

Na América Latina, o Brasil é um dos países que não romperam com o monopólio da terra nem pela via capitalista, tampouco através de um processo revolucionário socialista. Perceptivelmente, durante séculos, não houve nenhum interesse do Estado brasileiro em realizar uma reforma agrária de conteúdo progressista. Os militantes de esquerda agrupados em variadas organizações, por sua vez, sentem no MST um movimento camponês organizado que exige a outorga da reforma agrária e a ruptura com o monopólio de terras. Nisto consiste o *leitmotiv* da intervenção dos trotskistas do PT no interior do MST. Ouidio Ferreira Dias e Joel Gama são exemplos de lideranças que, para intervirem no MST, provavelmente travaram um grande debate no âmbito da Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores⁷, desde os primeiros momentos da ocupação da então fazenda Santa Rita. De fato, a ação política dos trotskistas contribuiu para o recrutamento de novos trabalhadores em um ciclo cidade-campo, formando novos quadros dispostos a contribuir com a luta pela reforma agrária no Brasil e para diminuir a disparidade social existente.

Regionalmente, o MST foi um dos protagonistas dos movimentos sociais vale-paraibanos desde o final da primeira metade da década de 1990, com uma onda de ocupações iniciada na fazenda Horto-Tremembé, em Tremembé-SP – na qual também se tornou assentamento – culminando, entre outras, na conquista da fazenda Santa Rita, hoje Assentamento Nova Esperança I. A história deste último nos chama atenção por dois motivos norteadores desta pesquisa: 1) não só trabalhadores rurais estiveram envolvidos na luta pela conquista da terra, mas predominantemente homens e mulheres de labores oriundos do meio urbanoindustrial atuando militantemente, fruto do êxodo rural e da localização geográfica desta gleba rural, abrindo espaço para intervenção de militantes trotskistas no interior do MST; 2) neste momento histórico se

acentuou os assassinatos de sem-terras em todo o Brasil – Corumbiara/RO e Eldorado dos Carajás/PA tiveram maior repercussão – inclusive no Vale do Paraíba. Nesta, sendo as vítimas dois jovens militantes: Roberto Oliveira Duarte e Jurandir dos Santos. Investigar como este duplo assassinato acelerou a conquista da terra nesta região, com apoio em documentação primária e depoimentos orais, consistem os parâmetros fundamentais deste estudo de caso.

Consideramos também que estes eventos sociais, correspondem a uma política, de cima para baixo e generalizada, sendo o ex-presidente da república Fernando Henrique Cardoso (FHC) pioneiro na criminalização do MST, ofereceu logística suficiente para as atitudes repressivas dos pseudo-proprietários de terras, estes, por sua vez, forjando meios práticos e diretos para criminalizar o movimento. Assim, em meio à busca, conquista e permanência na terra, o Assentamento Nova Esperança I, do MST, constitui-se uma experiência viva e fértil para pesquisa empírica e científica.

Historiografia e Metodologia

Para organizar textualmente a história do Assentamento Nova Esperança I, foi analisada uma bibliografia geral sobre o MST. Entre elas foi de fundamental importância a obra do Geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, *A formação do MST no Brasil*⁸ expondo como o movimento entre os anos de 1979 e 1999 se formou, gestou e territorializou por boa parte dos estados brasileiros. Também o livro organizado pelo cientista político Miguel Carter, *Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil*⁹ cabendo destacar como primordial – entre outros – o artigo de Sue Branford, *Lidando com governos: o MST e as administrações de Cardoso e Lula*¹⁰. Em particular ao Assentamento Nova Esperança I, possui singularidade a pesquisa de Claudio Collado Riechelmann, mostrando que o tema é parte viva da história vale-paraibana, portanto, da atualidade,

⁶WOLF, Eric. **As guerras camponesas do século XX**. São Paulo: Global, 1984.

⁷A Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores, seção brasileira da Quarta Internacional, é uma organização política que intervêm no interior do Partido desde o ano de sua fundação, em 1980. Consideram-se fiéis ao Programa de Transição escrito por Leon Trotski, em 1938, para fundação da Quarta Internacional.

⁸FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

⁹CARTER, Miguel (org). **Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2010.

¹⁰BRANFORD, Sue. *Lidando com governos: o MST e as administrações de Cardoso e Lula*. In: Miguel Carter (Org.). *Idem*.

desmistificando a aparente ideia de que a *questão da terra* nesta região fazia parte exclusivamente da República Velha. Contribuiu também para documentar no âmbito regional a História de um dos movimentos sociais mais atuantes no Brasil, o MST. Collado se debruçou sob um novo prisma para avançar com estudos sobre o mesmo objeto de pesquisa no qual aqui é focalizado. O título de seu trabalho mostra sua amplitude: *Rurbanização Desenvolvimento e Vida: o caso do assentamento Nova Esperança I, do MST, em macrozona de expansão urbana de São José dos Campos*. Argumenta que a luta pela terra em São José dos Campos¹¹ se deu num contexto geográfico onde rural se entrelaça ao urbano, o rufo-urbano, uma vez que o assentamento denominado Nova Esperança I, do MST, está situado na franja urbana da cidade. Corroboro com ele, uma vez que nesta realidade geográfica há presença ativa de militantes sem-terras cujas experiências política, econômica, social e cultural estão embutidas em sujeitos sociais com vivências no meio urbano-industrial.

Os documentos de origem primária aqui elencados, registram fundamentalmente os conflitos pela terra no Vale do Paraíba, como o *Jornal O Trabalho*¹² e o Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos¹³. Contudo, nas palavras de March Bloch, mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo (...)¹⁴. Foi por isso que valiosa também foi a obra *Fontes Históricas*¹⁵ organizada por Carla Bassanezi Pinsky, norteadora da prática metodológica desta pesquisa. Todavia, algumas

vezes, o historiador se vê diante da necessidade de forjar documentos realizando entrevistas. Para tanto, contribuiu Verena Alberti com o texto *Histórias dentro da História*¹⁶ artigo seção do livro compilado por Pinsky.

Devemos também levar em consideração, o avanço da industrialização e da tecnologia no Vale do Paraíba. Para citar somente alguns estudos mais recentes, cabe destacar um levantamento realizado pelo Governo do Estado de São Paulo, Região Administrativa de São José dos Campos¹⁷ o qual coloca a cidade como centro regional que acabou polarizando o Vale do Paraíba, condição necessária para se incorporar de forma favorável ao sistema de mercado. De conteúdo relevante também é o artigo de Simone Narciso Lessa, *São José dos Campos: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba*¹⁸ onde a autora analisa a cidade em seu processo de transformação desde a ruptura com o sistema cafeeiro até se fixar como pólo industrial. Marcio da Silveira Luz se preocupou em desenvolver um estudo sobre Aglomerações industriais no setor aeroespacial e automobilístico no Vale do Paraíba Paulista¹⁹ na qual São José dos Campos, mais uma vez é mencionado com destaque. Assim como Fábio Ricci, nos estudos sobre a região, há quem diga que a industrialização é contemporânea ao avanço da economia cafeeira²⁰.

Na primeira parte trataremos do MST e sua nova realidade social e econômica no Vale do Paraíba, o rufo-urbano; na segunda parte, desenvolveremos a luta pela conquista da terra, desde sua ocupação até a conquista de fato e de direito.

¹¹RIEHELMANN, Claudio Collado. **Rurbanização Desenvolvimento e Vida: o caso do assentamento Nova Esperança I, do MST, em macrozona de expansão urbana de São José dos Campos**. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2006.

¹²Publicado quinzenalmente pela Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores.

¹³SECRETÁRIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

¹⁴BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁵PINSKI, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁶ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

¹⁷GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, SECRETÁRIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. Região Administrativa de São José dos Campos. 2007.

¹⁸LESSA, Simone Narciso. *São José dos Campos: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba*. **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lutar da História**. 6 a 10 de setembro de 2004, ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, p.1-8. CD-ROM.

¹⁹LUZ, Marcio da Silveira; MINARI, Gustavo Matheus; Santos; Isabel Cristina dos. *Aglomerações industriais no setor aeroespacial e automobilístico no Vale do Paraíba Paulista: uma comparação de trajetórias de formação*. **Journal of Aerospace Technology and Management**. Abril de 2010, p. 71-81. Disponível em <http://www.jatm.com.br>

²⁰RICCI, Fábio. *Origens e desenvolvimento da indústria têxtil no Vale do Paraíba paulista*. In: **I Congresso de Pós Graduação em História Econômica da USP**. São Paulo: Humanista/EDUSP, 2000. v.1 p. 179-189.

Nova Esperança: uma experiência de luta pela terra

Frequentemente São José dos Campos, assim como boa parte de suas cidades vizinhas, é propagandeada por sua exuberância industrial e tecnológica. Suas características rurais são sempre expostas como algo pertencente exclusivamente ao passado. Entretanto, o meio rural joseense é parte viva da atualidade vale-paraibana dentro de uma nova ótica onde o rural e o urbano estão estritamente ligados, assim como também, o movimento operário-camponês.

A região do Vale do Paraíba é historicamente reconhecida por se inserir na grande produção de café do século XIX até o período da República Velha, com destaque para Lorena e Taubaté, entrando em decadência em função da crise econômica 1929²⁰. Para superar a crise do capitalismo, que no Brasil resumia-se ao meio agrário, a política econômica do governo Vargas (1930-1945) voltou-se fundamentalmente para a industrialização. Neste contexto, das 39 cidades que compõem o Vale do Paraíba, São José dos Campos foi privilegiada, ao contrário dos tempos áureos do café: de cidade sem maior expressão na região do Vale do Paraíba do Sul, à pólo regional do Estado de São Paulo e do Brasil²¹. Isto por que,

(...) Depois da implantação do CTA (Centro de Pesquisa Aeroespacial), da Dutra, dos investimentos multinacionais e militares, São José dos Campos descaracteriza-se totalmente. É quando se processa a transformação da cidade-sanatório para cidade-indústria bélica e multinacional, situação acentuada gradativamente ao longo da década de 60, acelerada em 70, mantendo o ritmo boa parte dos anos 80²².

É indubitável a notoriedade industrial da cidade de São José dos Campos. Contudo, o campo e a cidade joseense estão entrelaçados. Desta

forma, para entender as complexidades da conquista da terra no Vale do Paraíba, concentrado na atenção dada pelo Estado a Reforma Agrária, partimos da premissa de que (...)o rural não pode ser visualizado a não ser com suas relações complexas com o urbano²³.

O rurourbano possui características onde o passado e o presente constantemente acompanham o assentado e isso ocorre por diversos fatores, no caso do Assentamento Nova Esperança I: 1) alguns assentados têm dificuldades para vender sua produção agrícola, por exemplo, falta de veículo para locomoção dos produtos, fazendo com que sua produção seja utilizada somente para a própria subsistência, ou caso alguém o procure para negociar seu produto. Isso obriga o trabalhador rural a exercer um trabalho urbano, utilizando habilidades desenvolvidas ao longo de toda sua vida, como pedreiro, faxineiro...; trabalha na cidade e volta para sua residência no meio rural. Isso revela a falta de infraestrutura no assentamento e o real comprometimento que o Estado brasileiro tem com a reforma agrária; 2) Aqueles que possuem melhores condições de negociarem seus produtos, um automóvel, por exemplo, têm uma facilidade maior para fazê-lo em função da localização geográfica do assentamento, como lembra Claudio Collado Riechelmann, o Assentamento Nova Esperança I esta situado na franja urbana da cidade. Assim, não era somente este assentamento, desde o primeiro dia de ocupação que estava formando um novo modelo de luta, mas o MST como movimento social em expansão que após aproximadamente 18 anos de existência, como tudo que tem vida, amadureceu diante da situação apresentada pelo momento.

Aos poucos o rurourbano no Vale do Paraíba tornou-se nova identidade laboral. Este novo meio de sobrevivência consiste no estabelecimento de uma cultura não arraigada no campo, mas nela permanecendo. Isso só é possível uma vez que os trabalhadores veem pouca ou nenhuma perspectiva

²¹LESSA, Simone Narciso. São José dos Campos: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba. **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. 6 a 10 de setembro de 2004, ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, p.1-8. CD-ROM.

²²SANTOS, Ademir Pereira dos. “De cobaia a feiticeiro (ou para se ler algumas passagens algumas passagens urbanas recentes em São José dos Campos).In: Cadernos do CIRC – Centro de Informação e Referências Culturais. São José: a cidade, a cultura e o seu tempo. Ano I – nº1 São José dos Campos: Fundação Cassiano Ricardo, dezembro, 1996. Apud LESSA, Simone Narciso. São José dos Campos: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba. **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. 6 a 10 de setembro de 2004, ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, p.1-8. CD-ROM.

²³MOREIRA, Roberto José. **Terra, poder e território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 281.

de trabalho exclusivo na cidade, justamente ao contrário do ocorrido até a década de 1970, quando trabalhadores rurais, em boa parte nordestinos, migraram para a região Sudeste, consolidando o fomento industrial desencadeado com a revolução burguesa de 1930. Desde o surgimento do MST, em meados dos anos de 1980, o fenômeno se desenvolveu amiúde rapidamente até os finais dos anos 1990. Segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira:

(...) O quadro geral tem revelado, contrariando muitas interpretações, que a população rural cresceu em termos absolutos e totais até 1970, quando chegou a pouco mais de 41 milhões de pessoas. Registrada nos censos demográficos posteriores, houve queda que fez com que ela chegasse a 38,5 milhões, em 1980; 35,8 milhões, em 1991; 33,9 milhões, em 1996; 31,8 milhões, no ano 2000²⁴.

À luz dos dados apresentados acima é fácil perceber que a ruo-urbanização do Assentamento Nova Esperança I surgiu de um processo histórico que desencadeou esta nova estrutura de trabalho e de trabalhadores no campo. As condições objetivas, materiais estavam dadas, mas as condições subjetivas ainda estavam por serem construídas através do elemento humano.

O quadro de militantes sem-terra que se fixaram com lonas pretas na fazenda Santa Rita em setembro/outubro de 1998, talvez, não tenha sido exclusivamente fruto da necessidade de produção em terras até então improdutivas, ou somente uma estratégia política do movimento que decidiu voltar seus olhos para a cidade, tentando conscientizar e agrupar os camponeses migrantes, mas de fato, resultado concreto da intervenção dos trotskistas do PT que viram no MST, através de uma reivindicação de amplitude nacional, a reforma agrária, um incentivador da aliança operário-camponesa.

Ouidio Ferreira Dias, juntamente com outros trotskistas, Joel Gama, Roberto de Oliveira Duarte e Jurandir dos Santos – personagens centrais desta história – desempenharam papel de liderança agrupando famílias de cidades proletárias. Segundo Ouidio, ele e outros membros de sua organização

política organizavam reuniões em associações de bairros proletários ou nas casas dos trabalhadores de Osasco, ABCD, Guarulhos, Campinas, Porto Feliz, Mogi das Cruzes, Suzano, Brás, e a capital de São Paulo. Muitos destes nunca tiveram nenhum contato com o meio agrário e pertenciam ao exército industrial de reserva. A proximidade com a luta pela terra consistiu em uma oportunidade de emprego e a alternativa de uma vida longe dos males mais inerentes à sociedade urbana capitalista, onde o desemprego é somente uma parcela. Suas intervenções, talvez tenha sido o centro de árduos debates no âmbito da Corrente O Trabalho. Todavia, pelo menos no caso do militante Ouidio, seu passado fazia eco em seu presente, pois durante toda sua infância, foi criado no seio de uma família camponesa²⁵. Podemos perceber este mesmo sentimento em outros trabalhadores urbanos que se agruparam ao MST vale-paraibano como o Sr. José Carlos Souza.

Para tanto, o cotidiano militante, fez com que Ouidio, e outros membros da Corrente O Trabalho do bairro de Guaianases, em São Paulo, entendessem que não é o revolucionário que faz a situação, mas a situação faz o revolucionário, de forma que o proletariado tende a viver constantemente em situações de dificuldades econômicas, algo que só a luta política pode solucionar. No caso em questão, os petistas/trotskistas de Guaianases foram morar no próprio diretório do partido. Foi nesta perspectiva que a tentativa de levar o proletariado urbano para lutar por terra agrupados em um movimento rural se tornou alternativa de resolução imediata para diversos problemas econômicos e sociais que se agravavam gradativamente. Foi numa reunião realizada no mês de junho de 1997, segundo a versão de Ouidio, “o companheiro Petrica” se referindo a ele e a outros

(...) nos relatou (...) que estavam com dificuldades [financeira], passamos [no diretório do PT de Guaianases] e conhecemos os companheiros e propusemos dar um apoio. Neste ínterim, contatamos os companheiros da direção do Partido na cidade de Suzano, fizemos uma reunião e decidimos apoiar o

²⁴OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. In: **Estudos Avançados**, IEA/USP, São Paulo, v.15 n.º 43, p.188, 2001.

²⁵LEAL, Murilo. **À esquerda da esquerda**: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo, (1952-1966). São Paulo: Paz e Terra, 2003.

movimento [MST] economicamente e, todo o apoio que precisasse e assim começamos a militar no movimento²⁶.

Os militantes estavam cada vez mais envolvidos com proposta de proporcionar uma vida melhor ao proletariado urbano. Em pouco tempo, a proposta se avolumou, formando uma rede de contato com trabalhadores em situações semelhantes, em boa parte, desempregados, convivendo em meio ao álcool, tráfico de drogas; não tendo acesso à lazer, esporte, fato comprovado nos relatos apresentados pelos próprios assentados nas diversas visitas realizadas ao Assentamento Nova Esperança I.

Mesmo assim, entre as diversas dificuldades, talvez a principal, consistiu na contra ofensiva da classe dominante, que utilizava (e utiliza) os grandes meios de comunicação. Como tais trabalhadores viviam em situação de penúria, a forma na qual conheciam o mundo em que viviam era através da Rede Globo, SBT, eventualmente as revistas *Época*, *Veja*²⁷, porta-vozes defensores de uma classe social oposta aos movimentos sociais. Isso significa que, em essência, não conheciam o movimento. Nas entrelinhas das notícias apresentadas por tais meios de comunicação, está o interesse da classe dominante, o que dificultou o trabalho dos trotskistas do PT. Ainda segundo Ouidio Ferreira Dias:

Foi difícil, difícil conscientizar o povo que ele tem direito de ter uma vida melhor, e também ele não está preparado, não sabe, não conhece o que é o movimento. O modo de vida na cidade é totalmente diferente do campo, pra começar é mais difícil, é falta de experiência na vida no campo. A dificuldade maior é a conscientização política, que ele tem direito, é um direito que todos têm, de moradia conforme a constituição... trabalho...²⁸.

Estando agrupados, em uma organização proletária internacional, a Quarta Internacional e, ao mesmo tempo o maior movimento social da

América Latina, o MST, estes militantes sabiam que as condições para agir através da propaganda, comparadas a grande imprensa eram evidentemente pífias. Isto não desanimou os trotskistas, pelo contrário, na busca de organizar os trabalhadores utilizando o jornal *O trabalho* como ferramenta política, tiveram muito sucesso na árdua tarefa de combater o alicerce ideológico cimentado pela grande imprensa, agindo na contramão dos métodos que tendem a deixar os trabalhadores no campo da ociosidade política; esclareciam os motivos reais de suas mazelas, e, sobretudo ofereceram uma alternativa: “O agrupamento de trabalhadores da cidade foi feito através da conscientização, da discussão, do esclarecimento de como seria a ida para o campo, que seria ocupar terra. Na época nos dizíamos que a pessoa ia para sua terra, iria criar forma de produzir para seu sustento”²⁹.

Do bairro de Guaianaes, rapidamente passaram a atuar em outras localidades próximas, como na região do Alto Tietê e de Osasco/SP. Embora sua infância ser calcada no meio rural, Ouidio teve a oportunidade fazer carreira no exército, quando em 1963, já sendo 3º Sargento do Exército, servindo no Depósito Regional de Moto Mecanizados da 2ª Região Militar (DRMM/2), em Osasco, após ter se agrupado no Partido Comunista Brasileiro (PCB), se tornou militante do Partido Operário Revolucionário-trotskista (POR-t)³⁰. A partir de então, entre outros militantes e organizações políticas de esquerda, contribuiu para derrocada do regime autoritário vigente entre 1964 e 1985. A trajetória desta personalidade política – principalmente nesta última região – contribuiu para conquistarem uma miríade de famílias dispostas a fazerem uma experiência com o campesinato. Somaram-se a um acampamento já existente desde 1995, no município de Tremembé (ex-fazenda Horto Tremembé, da Petrobrás, hoje Assentamento Conquista, com emissão de posse expedida em Maio de 1994); outras fazendas improdutivas posteriormente foram sendo ocupadas: em Taubaté (ex-fazenda Santa Terezinha, da Votorantin Celulose e Papel, hoje Assentamento

²⁶Entrevista realizada com Ouidio Ferreira Dias, no dia 21/12/2010.

²⁷SOUZA, Eduardo Ferreira de. **Do silêncio à Satanização**: o discurso de *Veja* e o MST. São Paulo: Annablume, 2004.

²⁸Entrevista realizada com Ouidio Ferreira Dias no dia 21/12/2010.

²⁹*Ibidem*.

³⁰LEAL, Murilo. **À esquerda da esquerda**: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo, (1952-1966). São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Manoel Neto, com emissão de posse expedida em setembro de 2005)³¹.

Contudo, era necessário territorializar o movimento. Assim, o MST ocupou no dia 16 de setembro de 1998 a fazenda Santa Rita. Este imóvel rural era propriedade do Banco da Amazônia, mas divulgada como sendo do grileiro Valdir de Almeida Pena, que segundo o jornal *O Trabalho*, nº 452, *comprou, mas não pagou*³². No dia seguinte à ocupação, um jornal de grande circulação na região noticiou o acontecimento utilizando jargão favorável ao posseiro e a elite vale paraibana, além de ignorarem ou omitirem a nova identidade em processo de formação:

Um grupo de 180 famílias de sem-terra *invadiu* ontem pela manhã a Fazenda Santa Rita, na estrada de Vargem Grande, na zona rural de São José dos Campos. [...] *O proprietário* da Fazenda Santa Rita, Valdir de Almeida Pena, deverá encaminhar uma ação de reintegração de posse da área *invadida* ontem pelos sem-terra³³.

Estes trabalhadores vindos do meio urbano fizeram pressão para conquistar a fazenda Santa Rita, expulsando o grileiro Valdir Pena, exigindo que a terra fosse desapropriada para fins de reforma agrária. Mesmo sabendo que esta desapropriação, como todas até o momento em que escrevo, foi feita dentro do modelo de reforma agrária conservadora, como lembra o cientista político Miguel Carter³⁴, eles acreditavam que o trabalho na terra lhes daria condições econômicas e sociais muito mais favoráveis que o mesmo realizado estritamente na cidade. Valdir Pena, mesmo não provando documentalmente ser proprietário da fazenda, entrou com liminar de reintegração de posse,

tentando desmantelar a ocupação. Os sem terras, por sua vez estavam decididos a resistir e produzir na terra. Iniciou, assim, na região norte de São José dos Campos, localidade rurourbana, uma zona de conflito cujas consequências acelerou as negociações e a conquista da terra neste município.

Foram 64 famílias³⁵ assentadas, entre 17 de fevereiro de 2000 e 11 de maio de 2001³⁶ no território que passou a ser chamado de Assentamento Nova Esperança I, sendo composto aproximadamente por 61% de desempregados, 12% de moradores de rua, 13% de ex sem-tetos, 2% de aposentados, 9% eram militantes agrupados em partidos de esquerda e 1% compunham os líderes³⁷ estes eram naturais dos quatro cantos do Brasil: Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo³⁸. O novo Assentamento Nova Esperança I, do MST, aos poucos, com dificuldades até hoje enfrentadas, entrou no rol da produtividade, nas palavras de Ovidio Ferreira Dias: (...) comparando a produtividade dos tempos de Valdir Pena, mesmo tendo uma produção não planejada, mais anárquica, a produção é incalculável(...) ³⁹.

Os mártires do assentamento Nova Esperança

A correlação de forças foi estabelecida entre a tríade conservadora (FHC/Emanuel Fernandes [PSDB], Valdir Pena e a Política Militar) do Vale do Paraíba e os trabalhadores agrupados no MST, e com o passar dos dias, se ampliou cada vez mais em torno de uma zona de conflito social. Esta situação foi reflexo de uma política contrária à reforma

³¹RIEHELMANN, Claudio Collado. **Rurbanização Desenvolvimento e Vida:** o caso do assentamento Nova Esperança I, do MST, em macrozona de expansão urbana de São José dos Campos. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2006. p. 86-87.

³²Anônimo. Comissão Internacional "justiça para Jurandir e Roberto". **O Trabalho**. São Paulo, 24 de março à 14 de abril de 1999. 452, Nacional, p.8.

³³RIEHELMANN, C. C. op.cit. p.28. Collado não apresenta o autor do artigo, provavelmente por ser tratar da apresentação do artigo na primeira página. Grifos meus.

³⁴CARTER, Miguel (org). **Combatendo a desigualdade social:** o MST e a reforma agrária no Brasil. São Paulo: UNESP, 2010.

³⁵FELICIANO, Carlos Alberto; FERNANDES, Bernardo Monçano. **Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.** Presidente Prudente: UNESP atualizada em 05/12/2010; acesso em 12/07/2010. Messorregião do Vale do Paraíba – São Paulo – Assentamentos Rurais – 1997-2000; [número aproximado de páginas] Disponível em www.fct.unesp.br/nera.

³⁶Ibidem. Respectivamente, as datas de obtenção e criação do Assentamento Nova Esperança I.

³⁷RIEHELMANN, C. C. Ibidem, p.345.

³⁸Ibidem. p.346.

³⁹Entrevista com Ovidio Ferreira Dias, realizada no dia 21/12/2010.

agrária imposta aos movimentos sociais que lutam pela conquista da terra. O quadro estatístico da política fundiária brasileira apresentado por Miguel Carter mostra que o governo FHC assentou 455.354 (51,8%) famílias, distribuída numa área de 18.991.384 (41,2%), números realmente significativos. Entretanto, também são notáveis os assassinatos por conflitos no campo, no primeiro mandato (1994-1998): 172 (13%); no segundo mandato: 120 (9%). Somente no governo Sarney⁴⁰ houve um maior número de mortes, 43%. Para Miguel Carter, no Brasil esse é *um problema de ordem estrutural*⁴¹. Emanuel Fernandes (PSDB), à época prefeito de São José dos Campos, por pressão dos trabalhadores, no início, concedeu alguns recursos para que fosse começado o trabalho na então ainda fazenda Santa Rita, mas logo passou a agir de maneira conveniente ao Governo Federal. Neste contexto, os acontecimentos que seguiram à ocupação, representavam o tratamento dado pelo Governo Federal liderado por FHC e sua equipe. No caso estudado, FHC, representado na cidade por Emanuel Fernandes (PSDB), o grileiro Valdir Pena e a Polícia, formaram uma tríade de ação em prol de um denominador comum: o latifúndio.

Já que os trabalhadores estavam dispostos a permanecerem na terra mesmo após o pedido de reintegração de posse da fazenda, Valdir Pena e a polícia agiram com repressão e com assédio moral, métodos já muito conhecidos desde o surgimento da UDR⁴². Os trabalhadores viveram verdadeiros dias de terror, sendo perseguidos pela própria polícia através de batidas policiais com pretextos insignificantes, numa ocasião perguntaram com tom humorístico:

(...) porque ao invés de terem invadido a fazenda Santa Rita, não invadiram a fazenda do 'francês', se referindo a uma fazenda situada no começo da estrada de Vargem Grande. (...) Posteriormente [um acampado] ouviu dizer que a fazenda do francês pertencia ao Sr. Paulo Maluf, ex governador do Estado (...)⁴³.

Jurandir dos Santos, um dos responsáveis pela adesão de novas famílias para o MST no Vale do Paraíba, sofreu “quatro batidas policiais em Jacaré. Era detido, faziam algumas perguntas depois o soltavam”⁴⁴, jagunços circulavam nas redondezas da fazenda na tentativa de intimidar os trabalhadores. Para os sem terras da região, isso esclarecia a posição política dos oficiais da Polícia Militar, mesmo que esta fosse de alguma maneira a eles imposta. A ação profissional deste aparato do Estado cooperou com Valdir Pena na região e com FHC em âmbito nacional. Diversas são as ocasiões que podemos constatar a ação política da Polícia Militar aliada com o latifundiário Valdir Pena durante o mês de novembro e dezembro de 1998. Por exemplo: quando “os deslocamentos de membros do acampamento vêm sendo monitorados ilegalmente”⁴⁵; em uma das filmagens realizadas durante os momentos de tensão no acampamento, aparece uma voz feminina não identificada, dizendo: “a polícia esta com o celular do Valdir ai? Se tiver o Valdir manda o caminhão aqui já, ué”⁴⁶ Joquebede Bezerra de Oliveira, também militante sem-terra e companheira de Roberto,

(...) foi abordada por algumas vezes por policiais militares quando caminhava pela

⁴⁰ Após a morte do presidente da república Tancredo Neves, eleito em 1985, José Sarney, até então vice-presidente, assumiu o cargo de presidente do país recentemente democrático. Entretanto, dados fornecidos por Miguel Carter, mostram que em toda a história do Brasil, foi no governo Sarney que houve o maior número de assassinatos no campo, 43%, nem mesmo os dois mandatos de FHC superam este número. Atualmente, Sarney é líder do senado brasileiro e sua família é proprietária da filiada da Rede Globo de televisão no Estado do Maranhão.

⁴¹ CARTER, Miguel; CARVALHO, Horacio Martins de. A luta na terra: fonte de crescimento, inovação e desafio constante ao MST. In: CARTER, Miguel (org). **Combate a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo, UNESP, 2010, p.292.

⁴² MENDONÇA, Sonia Regina. A questão agrária no Brasil: a classe dominante agrária – natureza e comportamento (1964-1990). In: João Pedro Stedile (org). **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. A UDR surgiu em 1985, formada por latifundiários defensores da propriedade privada da terra. Rapidamente cresceu concomitantemente a expansão do MST.

⁴³ SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Anônimo. Comissão Internacional “justiça para Jurandir e Roberto”. **O Trabalho**. São Paulo, 24 de março a 14 de abril de 1999. 452, Nacional, p.8.

⁴⁶ SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

cidade de Jacareí, sendo que os policiais demonstravam claramente ser contrários ao movimento dos Sem-Terra. (...) nunca chegou a ser agredida [fisicamente] por nenhum policial militar. (...) em uma ocasião esteve trafegando pela estrada Vargem Grande, na companhia de Ouvido, Joel Gama e outro rapaz que já deixou o movimento. (...) nessa oportunidade, os policiais militares seguiram o carro (...), e quando o veículo parou foram todos revistados pelos policiais, (...) os policiais apontavam armas durante a abordagem (...)⁴⁷.

Em outra ocasião, ainda relatada pelo Jornal O Trabalho, “Houve grande movimentação de jagunços armados e encapuzados na fazenda vizinha. Na segunda-feira, 21 de dezembro (...) esse fazendeiro foi até a porteira da Santa Rita ameaçar: Vocês vão pagar caro!”⁴⁸.

No íterim destes eventos, na madrugada de 19 para 20 de dezembro de 1998, Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos, foram brutalmente executados com disparos de armas de fogo na cabeça. Roberto atuava junto à juventude e gostava de escrever; Jurandir, como já foi dito, recrutava novos trabalhadores para o movimento.

Roberto, Jurandir e Joel no período da noite saíram do acampamento utilizando um automóvel como meio de locomoção, segundo este último, para trocar mercadorias por leite em outra fazenda. No decorrer do caminho, decidiram parar na lanchonete Queens Lanches, na cidade de São José dos Campos. Separaram-se quando se aproximava a madrugada, pois o Sr. Joel decidiu voltar mais cedo para acampamento Nova Esperança, fazendo uso do automóvel, enquanto os outros optaram em permanecer na lanchonete e depois voltariam caminhando para o acampamento. Ao amanhecer o dia 20 de dezembro de 1998, os corpos de Roberto e Jurandir foram encontrados ambos próximos à Estrada Matarazzo. O laudo médico acusou traumatismo crânio-encefálico, Jurandir

com nítidas marcas de tortura. Ambos estavam sem nenhuma documentação, sendo reconhecidos no dia 23 de dezembro de 1998⁴⁹.

Aparentemente, a morte destes militantes fazia parte de um plano estratégico, pois, é necessário dizer novamente, Roberto agrupava a juventude que num futuro iria dar continuidade ao trabalho na fazenda; quanto a Jurandir, estava em trâmite a ação judicial em seu nome, contra a ação de reintegração de posse nomeada por Valdir Pena, ou seja, o despejo dos trabalhadores sem terra. Evidentemente, este ato foi o ápice da tentativa de expulsarem os sem-terras do acampamento Nova Esperança I. Entretanto, a mesma teve efeito contrário.

Diversos setores se envolveram direta ou indiretamente com o caso, fazendo com que a comitê de campanha tivesse repercussão a nível internacional. No Brasil, organizações de trabalhadores e estudantes mostraram solidariedade de classe ao sem-terras do Vale do Paraíba inclusive no campo material. Entre a juventude, o DCE da USP, entidades estudantis da PUC/SP, a Pastoral da Juventude de São José dos Campos e trabalhadores vindos da São Caetano do Sul, região do ABC paulista⁵⁰. Nos Estados Unidos, por exemplo, a campanha pela apuração das mortes de Roberto e Jurandir, impulsionou o militante estadunidense Baldemar Velazquez, a difícil tarefa de tentar organizar os trabalhadores dos Estados da Carolina do Norte e Carolina do Sul. Além dos EUA, a campanha ecoou em outros países como França, México e Inglaterra⁵¹.

Estas mesmas organizações, estando mais uma vez o MST, as Correntes internas do PT, como a Corrente O Trabalho e a CUT encabeçando o comitê organizaram atos e manifestações com a finalidade de pressionar a Justiça de São José dos Campos a investigar, no cumprimento da lei, o assassinato de Roberto e Jurandir, acusando como responsável pelo crime, em primeiro lugar, o Governo Federal, por não fazer reforma agrária, seguido do fazendeiro Valdir Pena.

⁴⁷Idem.

⁴⁸Anônimo. Comissão Internacional “justiça para Jurandir e Roberto”. **O Trabalho**. São Paulo, 24 de março a 14 de abril de 1999. 452, Nacional, p.8.

⁴⁹SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

⁵⁰Anônimo. Comissão Internacional “justiça para Jurandir e Roberto”. **O Trabalho**. São Paulo, 24 de março a 14 de abril de 1999. 452, Nacional, p.8.

⁵¹Ibidem.

O primeiro ato aconteceu no dia 10 de fevereiro de 1999, contando com aproximadamente 400 presentes. Os militantes de base que dialogavam corpo-a-corpo com as massas colhiam assinaturas em um abaixo assinado para que o mesmo fosse entregue diretamente ao Governo Federal. Neste mesmo ato, foi decidido democraticamente por aclamação pública, que “se em dois meses o crime prosseguir impune, nós compareceremos em massa a um ato público, em 16 de abril, no largo de São Francisco, SP (...)”⁵².

Passados dois meses, as reivindicações dos trabalhadores aclamadas no ato de São José dos Campos não foram atendidas. Como prometido, no décimo sexto dia de abril de 1999, foram para o Largo São Francisco, no centro de São Paulo, na Sala do Estudante da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, fundada em 1934, símbolo da Ciência Jurídica no estado, no Brasil e palco de manifestações contra as medidas autoritárias de Getúlio Vargas após a instauração do Estado Novo (1937-1945)⁵³. Neste ato estiveram presentes 600 manifestantes, incluindo organizações políticas de esquerda como o PT e o PSTU, e autoridades como o senador Eduardo Suplicy e Plínio de Arruda Sampaio, Secretário Agrário Nacional do PT. Foi formada uma delegação para se dirigir ao Secretário de Segurança de São Paulo para *exigir a substituição do delegado titular do inquérito*⁵⁴, por julgarem não ter a polícia comprometimento com a investigação.

A campanha pela apuração da morte dos jovens Roberto e Jurandir, no âmbito político e a luta contra a reintegração de posse do fazendeiro Valdir de Almeida Pena, no terreno jurídico eram duas faces da mesma moeda. No ínterim dos atos e protestos por uma investigação objetivamente centrada na busca dos assassinos, os trabalhadores sem terras que ficavam no acampamento não se sentiram acuados frente à situação, fechando a estrada de Vargem Grande, que dá acesso à cidade

de Caçapava, passando pelo acampamento Nova Esperança.

Considerando que todos no acampamento estavam de alguma forma, no mínimo, envolvidos com a resistência na terra, foi dado um conteúdo político aos assassinatos de Roberto e Jurandir. A campanha pela apuração dos assassinatos se consolidou, aparentemente, concomitante à tentativa de incriminar os próprios acampados. Quanto a isso o inquérito policial é elucidativo. De forma que alguns trabalhadores intimados para depor sobre o caso podem ter sido induzidos a utilizarem argumentos favoráveis ao fazendeiro Valdir Pena, o que é curioso tendo eles a necessidade de permanecerem na terra e serem assentados. É o caso de Roberto Medeiros Botelho, açougueiro de profissão, integrou o MST em julho de 1998 estando desempregado e sua renda era resultado de *bicos*, fez campanha junto aos moradores de rua do bairro do Brás, em São Paulo, para que estes viessem integrar o movimento; e José Carlos Souza, que no passado havia sido agricultor e no momento sobrevivia como carroceiro, integrando o MST em 1997, já havia passado por diversos acampamentos no Vale do Paraíba, como o acampamento fazenda Sapucaia, em Pindamonhangaba e Horto-Tremembé, em Tremembé. Segundo Roberto Medeiros Botelho:

(...) certo dia comparecendo em um bar no bairro de Moreira Cezar em Pindamonhangaba encontrou-se com um outro (sic) integrante do MST, acunhado (sic) por “Mãozinha” e o mesmo comentou que a história da morte dos integrantes do MST estava mal contada e que tinha certeza da participação do Sr. Gama, Stanislaw, preto e outro elemento acunhado (sic) de Arrastão, o depoente, ainda informou que tinha receio de alguma represália diante do depoimento prestado⁵⁵.

⁵²ZOCCHI, Paulo. Ato em São José dos Campos reúne 400. **O Trabalho**. São Paulo: 3 de março à 17 de março de 1999, 451, Nacional, p.8. Neste ato, muitos manifestantes se comprometiam com a causa através de um abaixo assinado em solidariedade a campanha pela punição aos assassinos de Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte. Estes que assinavam, também se comprometiam financeiramente com o movimento, contribuindo com R\$1,00; R\$2,00; R\$5,00; R\$10,00... O financiamento do movimento pelos próprios trabalhadores é uma característica militante trotskista e tradicionalmente marxista. Para os trotskistas, a independência financeira significa também independência política, elementar para conquista de interesses dos trabalhadores.

⁵³DULLES, John Foster. **A faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas (1938-1945)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

⁵⁴ZOCCHI, Paulo. 600 pedem justiça em São Paulo. São Paulo: **O Trabalho**, Nacional, 454, 28 de abril a 2 de maio de 1999. p.3.

⁵⁵SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

Assim como o depoimento do Sr. Botelho, o depoimento de José Carlos Souza vai na contra-mão da maioria dos relatos apresentados e contra o combate à conjuntura política nacional, que era favorável a permanência do latifúndio e ao avanço do agronegócio. No inquérito, José Carlos menciona somente uma das lideranças do acampamento, Joel Gama. Tudo indica que o delegado de polícia Carlos Eduardo Silveira Martins, tinha como objetivo fazer de Joel Gama o principal suspeito dos crimes. No inquérito José Carlos afirma que,

(...) de maneira nenhuma seria possível a participação do proprietário da fazenda na morte das vítimas Beto e Jurandir, pois ele tem a Justiça para resolver a respeito da propriedade da terra; que não acredita também que houve participação de policiais militares, pois soube que os mesmos só agem com determinação judicial, e pelo que se sabe não houve nenhum confronto (...) que realmente o Sr. Joel Gama era uma pessoa, pelo pouco contato que teve, muito nervosa e destratava as pessoas que compareciam no acampamento⁵⁶.

Também foi chamado para depor o militante trotskista Ovidio Ferreira Dias. Seu depoimento consistiu não nos assassinatos de Roberto e Jurandir, mas fundamentalmente nos bloqueios policiais após a ocupação da fazenda Santa Rita e supostos crimes ocorridos em seu passado. A esse respeito o inquérito registra que:

(...) perguntando ao depoente se já respondeu a algum Inquérito Policial ou processo crime informou que só respondeu a um Inquérito ou Processo, mas isso no tempo da ditadura, sendo que foi absolvido. (...) nesta ocasião exibiu a pesquisa criminal relacionada a pessoa do depoente nos crimes previstos no artigo 180, 304, 171, 298, 299⁵⁷, todos do código penal, tendo o depoente afirmado que

desconhece todos esses Inquéritos e Processos envolvendo a pessoa. (...) o depoente disse que teve seus documentos furtados por duas vezes, sendo que ambas já registrou ocorrência. (...) Quer consignar mais uma vez que nunca foi chamado em nenhuma Delegacia para depor nos inquéritos constantes na folha criminal, sendo que somente nesta ocasião é que toma conhecimento dos devidos registros contra a sua pessoa⁵⁸.

Igualmente intimado para depor, foram José Maria da Costa e Maria Angélica Alves, proprietários da lanchonete Queens Lanches, na qual Ovidio e sua companheira Marilise, após a chegada de Roberto, Jurandir e Joel Gama, decidiram se divertir na noite de 19/12/1998. Registra o Inquérito policial que o Sr. José se complicou ao explicar a presença de Gama em sua lanchonete. Consta no Inquérito que estando o casal e Joel Gama em depoimento:

José Maria da Costa e Maria Angélica Alves afirmam que Joel não esteve no estabelecimento comercial denominado Queens Lanches na noite do dia 19/12/1998. Dada a palavra a Joel: Acrescentando que não somente lá esteve (...), como também foi muito bem atendido por Jô [José Maria da Costa] (...). Dada a palavra a José Maria da Costa: Se Joel esteve no bar no dia 19/12 eu não vi, pois o bar estava muito cheio. Assim, não tem certeza se Joel esteve ou não no bar⁵⁹.

A investigação sobre o que ficou popularmente conhecido como *caso Beto-Jurandir* durou aproximadamente um ano e cinco meses. No inquérito, constam diversos depoimentos, sendo os depoentes em maioria, os próprios sem terras do Vale do Paraíba, tratados como envolvidos no crime. O grileiro Valdir de Almeida Pena, em sua declaração ao delegado Carlos Eduardo Silveira Martins, se colocou como vítima ressaltando que a fazenda era sua propriedade⁶⁰. A maneira como as

⁵⁶Ibidem.

⁵⁷TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. **Código de Processo Penal Comentado**. Vol. 1 e 2. 13 Ed. Rev. e Atual. São Paulo: Saraiva, 2010. O artigo 171 do código penal diz respeito à Furto Qualificado. Todos os outros dizem respeito à prisão, no caso, decorrente a este furto.

⁵⁸SECRETÁRIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

⁵⁹Ibidem.

⁶⁰Ibidem.

autoridades tatearam o caso é próprio do período. Um renomado advogado público do Rio Grande do Sul, Leandro Gaspar Scalabrin, esclarece que

(...) historicamente os movimentos sociais são combatidos de três maneiras: ignorando-os, cooptando-os ou criminalizando-os. Quando não se consegue cooptá-los depois de terem sido ignorados e continuarem existindo, o remédio é considerá-los crime. E ao considerá-los crime não é por que se é contra o “movimento” em si, (...) mas é por serem contra aquilo que ele propõe de concreto⁶¹.

Assim, os acontecimentos inerentes ao período histórico (governo Fernando Henrique Cardoso), se tornara comum em todo o país a impunidade frente aos assassinatos de integrantes dos movimentos sociais. O inquérito policial referente às mortes de Roberto e Jurandir foi arquivado por falta de provas⁶². Fica claro uma determinada porcentagem de descaso por parte das autoridades competentes na investigação do crime, pois o relatório anual da Comissão Pastoral da Terra de 1998, sobre os assassinatos no campo, indicam como *pistoleiros* os indícios da autoria destes crime⁶³. Alguns casos a este semelhante, após muitos anos e sob pressão do movimentos organizados de trabalhadores, colheram resultado profícuo e exemplar, como o *fazendeiro condenado pela morte de padre Jósimo*⁶⁴. Osvaldino Teodoro da Silva, vulgo Mundico, condenado a 16 anos de prisão, impune desde 1986.

Conclusão

Ainda há muito a ser pesquisado sobre a luta pela terra no Vale do Paraíba, como por exemplo, as negociações da fazenda Santa Rita com o Banco da Amazônia; o envolvimento de padres engajados na

conquista da terra na região; merece uma investigação detalhada, o debate sobre a produção individual ou coletiva no Assentamento Nova Esperança I e a proposta da Comuna da Terra. No entanto, pelo que foi exposto acima, é possível fazer algumas conclusões acerca da Questão da Terra no Vale do Paraíba, onde o MST, um dos principais movimentos sociais da América Latina, é personagem central.

No Brasil são poucos os assentamentos rurais que possuem características rurourbanas como no Vale do Paraíba. Esta nova realidade que veio à luz no século XXI, talvez corresponda à forma objetiva da luta pela terra na região. Faltou, porém, a condição subjetiva alicerçada pela aliança operário-camponesa constituída através da ação dada pelos militantes trotskistas no interior do MST.

A ação dos trotskistas e a campanha pela apuração dos assassinatos de Roberto e Jurandir passaram a andar juntas, uma vez que tais assassinatos possuem uma conotação política. O assassinato dos recém militantes da Quarta Internacional engendrou uma campanha internacional pela apuração dos crimes. Ou seja, no movimento estava inserido um caráter militante no qual rememora os princípios precursores dos movimentos sociais do século XIX: a aliança operário-camponesa e a solidariedade internacional. Foi o movimento operário-camponês que esteve nos holofotes da imprensa e do governo como principal opositor aos interesses capitalistas.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) registra em seus arquivos somente duas mortes entre o período de abertura do ciclo de ocupações no Vale do Paraíba (1994) e a conquista da Fazenda Nova Esperança I (2000)⁶⁵. Este mesmo assentamento, como já dizemos, os trabalhadores não tardaram à conquistar, diferente das outras fazendas conquistadas no período no Vale do Paraíba e no Brasil. Isso revela que se a campanha pela apuração das mortes destes jovens militantes não serviu para punir os verdadeiros culpados, contribuiu, todavia,

⁶¹SCALABRIN, Leandro Gaspar. O crime de ser MST. In: **Observatório Social da América Latina**, Argentina, ano IX, nº24. p.201-208, 2008.

⁶²SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO (Brasil, São José dos Campos). Inquérito policial/homicídio doloso de Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos.

⁶³COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Goiás, 1999. Relatório Assassinatos no Campo – Brasil: 1998, 1999. p. 3. In: www.cptnacional.org.br.

⁶⁴Fazendeiro é condenado pela morte de padre Jósimo. São Paulo: MST, 16 de setembro de 2010; atualizada em 16 de setembro de 2010; acesso em 16 de setembro de 2010. Disponível em: www.mst.org.br.

⁶⁵COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Goiás, 1999. **Relatório Assassinatos no Campo** – Brasil: 1998, 1999. In: www.cptnacional.org.br.

para acelerar a conquista da terra na região. Entretanto, tal sucesso não significa que os culpados não devem ser punidos ou que o inquérito policial referente ao caso não deve ser reaberto.

Artigo Recebido em 24/02/2011

Artigo Aceito em 16/05/2011